



**SEMINÁRIO MAIOR ARQUIDIOCESANO DE BRASÍLIA
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (SMAB)**

CURSO DE TEOLOGIA

LUCAS TADEU DA SILVA

A VIRGEM MARIA EM SANTO AGOSTINHO:

A Maternidade, a cooperação na Salvação e a Santidade

**BRASÍLIA (DF)
2017**

LUCAS TADEU DA SILVA

A VIRGEM MARIA EM SANTO AGOSTINHO:

A Maternidade, a cooperação na Salvação e a Santidade

Trabalho apresentado junto ao curso de Teologia do Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima, como obtenção de conceito parcial para a disciplina de Seminário Teológico.

Professor Orientador: Pe. Edilson dos Santos

BRASÍLIA (DF)

2017

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1 A PREDESTINAÇÃO DA MATERNIDADE DE MARIA EM CRISTO	4
1.1 Maria, Verdadeira Mãe de Deus: a influência agostiniana no dogma	4
1.2 Maternidade Divina: mistério insondável, mas verdadeiro	5
1.3 “Filho, eis aí tua mãe”	6
2 MARIA NA ECONOMIA DA SALVAÇÃO	8
2.1 Maria, a Nova Eva	8
2.2 “As gerações hão de chamar-me de bendita” (Lc 1,48)	9
2.3 A Igreja, semelhante a Maria	10
3 MARIA: MODELO DE SANTIDADE CRISTÃ	11
3.1 “Toda santa”: A Imaculada Conceição	11
3.2 Gloriosa Assunção	14
3.3 Modelo para os cristãos	14
CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS	17

INTRODUÇÃO

A Mariologia é um importante tratado para a Teologia Dogmática, pois muitos dogmas que dizem respeito à Maria tocam também outros temas e tratados da Igreja, bem como há também o surgimento de diversas controvérsias em relação à Maria, pois torna-se difícil compreender a presença de Deus no ventre de uma Virgem.

Com o surgimento das heresias, muitos Padres da Igreja vão tentar combatê-las, de modo a aprimorar sempre a reta doutrina, e no período patrístico destaca-se a figura de Santo Agostinho, que, após sua conversão, tornou-se grande defensor da fé e fiel seguidor de Cristo e da Igreja.

Agostinho fala pouco sobre Nossa Senhora, e de fato, não há um tratado mariológico em seus escritos. Todavia, o cardeal italiano Michele Pellegrino, grande agostinólogo, compilou diversos escritos tirados das mais variadas obras do bispo de Hipona, e em 1954, publica a obra *La Vergine Maria*, de onde proveio este presente trabalho. A obra do cardeal Pellegrino consegue compilar cem textos marianos de Santo Agostinho, com comentários, o que faz imaginar que, embora Agostinho não tenha um tratado mariológico, conseguiu contribuir em muito na promulgação de vários dogmas.

O presente trabalho procura esboçar alguns temas específicos contidos de modo diverso na obra de Pellegrino tais como a maternidade divina de Maria, sua importância na história da Salvação, e sua santidade que serve como modelo para os dias de hoje.

De fato, houve grande discussão se Maria é Mãe de Deus, uma vez que, como dito, parece inconcebível que uma virgem seja Mãe de Deus, e que este se faça carne no meio dos homens. Agostinho, contudo, buscará sempre mostrar e orientar-se pela reta doutrina, deixada pelos apóstolos.

Para Agostinho, a Virgem Maria tornou-se causa de salvação não somente para aqueles que vieram antes de Cristo, na Antiga Aliança, como também, pelo seu sim, coopera na missão de Cristo de redimir todos os homens com seu sangue.

Além disso, por ser a escolhida de Deus, Maria foi preservada de toda mancha do pecado, tornando-se toda santa, para a glória de Seu Filho. Esta santidade de Maria a fez merecer subir aos céus de corpo e alma, ressuscitando gloriosamente ao lado de Jesus. Deste modo, todos podem participar dessa santidade, seguindo o modelo de obediência ao Pai, como fez Maria.

1 A PREDESTINAÇÃO DA MATERNIDADE DE MARIA EM CRISTO

Certamente um dos pontos mais difíceis na época de Agostinho era a questão da maternidade de Maria. Contudo a raiz desta questão encontra-se justamente em algo mais profundo e anterior: a encarnação, tema que é tratado por Agostinho repetidamente; de fato, é difícil conceber que um Deus tão poderoso tenha se encarnado no seio de uma virgem, que o deu à luz, permaneceu virgem, e este Deus tenha se tornado uma criança frágil. Por isto surgiram muitas heresias em torno destes aspectos relacionados à Encarnação, à Maternidade de Maria e outros mais; Agostinho dedicou boa parte de sua vida no combate a estas controvérsias.

A Igreja, guiada pelo Espírito, sempre procura reafirmar e consolidar a sua fé, recebida pela Tradição apostólica, e os Concílios são os modos como ela procurou restabelecer a ortodoxia que muitas vezes fora afetada.

1.1 Maria, Verdadeira Mãe de Deus: a influência agostiniana no dogma

Como um grande combatente contra as heresias, o bispo de Hipona procura sempre defender que Maria é Mãe de Deus. De fato, toda grandeza atribuída a Nossa Senhora tem meta os méritos do próprio Deus. Deste modo a própria maternidade de Maria é obra da Trindade, pois o Pai, do qual tudo procede, não pode ser enviado, tampouco o Espírito Santo, pois senão também seria Filho.

Entretanto, o Verbo foi enviado e encarnou-se, como o próprio apóstolo dá testemunho: “chagada a plenitude dos tempos, Deus enviou seu próprio nascido de uma mulher, nascido sujeito à lei” (Gl 4,4) de sorte que a Encarnação do Verbo no seio de Maria é obra da Trindade. Acerca disso, estas são as palavras de Agostinho:

Por isso, não pôde ser enviado pelo Pai sem o Espírito Santo, não somente porque está insinuado que, quando o enviou, ou seja, quando o fez nascer de mulher, não o fez sem o Espírito Santo, mas também porque o Evangelho testemunha, manifesta e evidentemente, que à Virgem que perguntava: *Como é que vai ser isso?*, o anjo respondeu: *O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com sua sombra*¹

Deste modo, é perceptível que a própria maternidade de Maria é obra da Trindade, e questioná-la é questionar a Unidade Santíssima entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Agostinho, porém, longe de cair numa descrença em relação a isso,

¹ AGOSTINHO, 1994, pp. 77-78

prefere considerar como grande mistério, onde a morte veio por uma mulher, e a vida, do mesmo modo vem a nascer aos homens, por meio de uma mulher, eis o grande mistério de amor.

O Concílio de Éfeso (431), que proclamou solenemente Maria como Mãe de Deus, foi influenciado pelo mistério da Trindade, verdadeira que estava sofrendo controvérsias, principalmente por parte de Ário, Nestório e outros. Tal Concílio preocupou-se, prioritariamente em defender a fé na Trindade, principalmente no que diz respeito à divindade do Filho. A conclusão de que Maria é Mãe de Deus é fruto da fé na Trindade. Todavia, por ver Agostinho afirmar que a maternidade de Maria é obra da Trindade, é notável sua influência no Sagrado Concílio Efésio.

1.2 Maternidade Divina: mistério insondável, mas verdadeiro

Não é suficiente mostrar a verdade do mistério da Maternidade Divina somente pelo argumento trinitário, embora o Concílio de Éfeso tenha se deixado guiar por Ele. Contudo, ainda que isso não seja convincente para muitos, para o bispo de Hipona, porém, esse mistério sempre será verdadeiro. De fato, a beleza do mistério consiste no fato de a Verdade nascer da terra, como assim canta o salmista: “da terra germinará a Verdade, e a Justiça se inclinará do céu” (Sl 84,12).

Ao comentar esse versículo, Agostinho mostra que o Filho de Deus, que é a verdade, quis nascer da terra mesmo “estando na forma de Deus” (Fil 2,6), ou seja, embora sendo anterior à terra, nasceu dela, para que a justificação olhasse do alto céu, ou seja, “pela graça de Deus, a verdade nasceu da virgem Maria, a fim de poder oferecer pela justificação dos homens o sacrifício, o sacrifício da paixão, o sacrifício da cruz”². Assim, esse mistério passa a fazer sentido quando se percebe que Maria é o canal por onde esta Verdade, o Verbo, quis nascer da terra.

De certo modo, este mistério deve ser visto com bons olhos, ou seja, reconhecer o fato de o Verbo fazer-se carne em Maria é fruto de Deus mesmo, que quer unir a divindade e a humanidade, como um esposo que se une à esposa pelo tálamo, que é o ventre de Maria: “*Verbum sponsus, caro sponsa, et thalamo uterus Virginis*”³. Portanto, Deus, o esposo fiel, une-se à humanidade, esposa sua, pelo ventre de Maria, Mãe de Deus e da humanidade, e aqui já é perceptível a importância de Maria no mistério da

² AGOSTINHO, 1997, p. 836

³ AGOSTINHO, 1996, p. 61

Salvação alcançada por Cristo, que escolheu sua mãe, à qual “trouxe a fecundidade, sem privar-lhe a integridade”⁴

Portanto, esse mistério, ainda que pareça inverossímil aos olhos humanos, deve ser contemplado à luz da fé, onde Deus se faz homem, e escolhe a Virgem Maria para ser sua mãe na totalidade, unindo os homens a Ele, e dando-os a salvação perdida em Adão, mas recuperada em Cristo.

1.3 “Filho, eis aí tua mãe”

Essa bela expressão de Jesus (Jo 19,27) insinua que Maria, uma vez sendo Mãe de Deus, e unindo a divindade e a humanidade, torna-se também mãe de todos os homens pelos quais Cristo morreu na cruz. Todavia, Jesus convida os homens a abraçar uma maternidade espiritual, que consiste em fazer a vontade do Pai, como o fez Maria.

Esta realidade pode ser vista em Mt 12,46-50, onde Jesus parece rejeitar sua mãe. Agostinho, porém, mostra que Jesus com a resposta “quem é minha mãe?”, quer fazer homens novos, uma maternidade nova: “O Cristo Senhor não condenou a afeição maternal, mas deu ele mesmo o grande exemplo de ser preciso na obra de Deus, saber não manifestar o apego à própria mãe”.⁵ Assim, o homem é convidado a abraçar uma maternidade espiritual, que leva a Deus e o honra, fazendo sempre sua vontade.

O mesmo ocorre nas bodas de Caná: Jesus parece dar uma resposta grosseira em Maria, ao afirmar “Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4). Todavia, para o bispo de Hipona, os milagres executados por Cristo, são provenientes da sua divindade, não de sua fraqueza humana, portanto, deve-se renunciar àquilo que é humano, abraçando a espiritualidade, que leva o homem a chegar a Deus. Aqui não significa que Jesus rejeitara Maria, pois ela é Mãe também de sua divindade, mas estava renunciando à maternidade corporal, para abraçar a espiritual. Tal atitude deve ser a mesma dos cristãos.

Contudo, o ponto ápice onde Jesus entrega sua mãe à humanidade é na cruz: “Jesus, então, vendo sua mãe, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: ‘Mulher, eis teu filho!’ Depois disse ao discípulo: ‘Eis tua mãe!’ E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa.” (Jo 19,26-27). De fato, esse é o momento em que a humanidade inteira é confiada a Maria, e torna-se plena aquela realidade da maternidade espiritual pedida por Jesus.

⁴ AGOSTINHO, 1996, p. 75

⁵ AGOSTINHO, 1996, p. 76

Agostinho faz uma importante exegese desta perícopa da cruz: “Esta é a hora de que falou Jesus, quando estava para converter a água em vinho (...) Profetizou ali esta hora que ainda não tinha chegado. Ele estava para morrer, havia de reconhecer nesta hora aquela de quem tinha nascido para a vida mortal.”⁶ Aqui Jesus está definitivamente abraçando a maternidade espiritual que ainda não estava completa em Caná, mas que agora, no suplício da cruz, torna-se completa. Todavia, Jesus não se prende a esta maternidade, mas, assim como se entregou todo na cruz, entrega também sua mãe ao mundo para que todos participem da filiação divina prometida pelo Pai.

Nesta hora dolorosa, mas salvífica, Cristo entrega sua mãe, dando bom exemplo de filho, que não abandona seus pais. De fato, Cristo, como Verbo Eterno, criou Maria, mas como Emanuel, é seu filho, e agora, deixando-a, não a abandona, “dando outro à maneira de filho, não à serva que criara e governava enquanto Deus, mas à mãe de quem tinha nascido enquanto homem, a qual ia deixar”⁷. Assim, Cristo quer que todos os cristãos abracem Maria como mãe, e a receba em suas casas.

Como casa, Agostinho interpreta como sendo não necessariamente a casa física, ou a moradia de João, uma vez que ele estava entre os que disseram: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos” (Mt 19,27). Contudo, o próprio os consolara em seguida: “E quem quer que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, ou terras por causa do meu nome, receberá muito mais; e terá em herança a vida eterna”. Este cêntuplo prometido por Jesus se cumpre na cruz. Ele que deixou Zebedeu, seu pai, agora recebe Maria, a mais bendita entre as mulheres: “Recebeu-a colocando-a entre o que era pertença sua. Não quer dizer que possuísse prédios, pois nenhuns possuía. Mas incumbiam-lhe deveres, que ele procurava cumprir por uma administração particular”⁸. Deste modo, São João Evangelista, mais do que levá-la para casa, a acolheu no seu coração como uma das coisas das quais deveria zelar, e de fato, talvez a mais preciosa. Este é o cêntuplo prometido por Jesus.

Por fim, a Maternidade Divina de Maria, por mais misteriosa que seja, é digna de fé, e mostra a bondade de Deus que quis encarnar-se no seio de uma mulher, santificando-a. Tal mistério ensina aos cristãos a necessidade de acolher Jesus em seu

⁶ AGOSTINHO, 1952, p. 152

⁷ AGOSTINHO, 1952, p. 153

⁸ AGOSTINHO, 1952, p. 155

coração, e ter Maria por mãe, como João a levou para sua “casa espiritual”, os batizados devem sempre tê-la por mãe.

2 MARIA NA ECONOMIA DA SALVAÇÃO

Já foi visto o fato de que o próprio Jesus escolheu sua antes mesmo da encarnação, e a santificou. Deste modo, é possível mostrar a figura de Maria durante a História da Salvação como a predestinada a ser Mãe de Deus. Isso se mostra não somente por conta das grandes mulheres existentes no Antigo Testamento, mas porque Deus foi preparando o mundo e sua mãe para a sua primeira vinda entre os homens.

2.1 Maria, a Nova Eva

Muitas mulheres presentes no Antigo Testamento prefiguram Maria, por sua coragem, perseverança e fé, como Sara, Débora, Ana, Ester, Judite, e outras. Todavia, a maior comparação se dá justamente com aquela da qual proveio o pecado, e é considerada “a mãe de todos os viventes” (Gn 1,20). Maria é colocada pela Tradição da Igreja como Nova Eva, pois agiu de modo diverso, ou seja, pela obediência, e Agostinho também defenderá este título de Nossa Senhora.

O Gênesis coloca que, no princípio, “não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha crescido, porque Iahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para cultivar o solo” (Gn 2,5). Agostinho coloca, que, do mesmo modo, “pois homem algum operou na Virgem, da qual nasceu Cristo”⁹. Aqui já se vê a prefiguração mariana presente na história.

Na história da Salvação, o homem perde a semelhança com Deus, pois por uma mulher, e pela desobediência veio a pecado, e do mesmo modo que Cristo, Novo Adão, salvou a humanidade do pecado dos primeiros pais, assim, Maria, a Nova Eva, é toda obediente à vontade de Deus, compensando o não de Eva a Deus. A primeira mulher pecou por desobediência e soberba. A Mãe de Deus, no entanto, é diferente, “Pois, ainda que ela tivesse merecido parir o Filho do Altíssimo era humílima”¹⁰. Aqui se vê que o confronto Eva-Maria parte exatamente da fonte do pecado original, a desobediência e a soberba, que não estão presentes em Maria.

⁹ AGOSTINHO, 2005, p. 583

¹⁰ AGOSTINHO, 1996, p. 72

2.2 “As gerações hão de chamar-me de bendita” (Lc 1,48)

Ao visitar sua prima Isabel, Maria eleva um belo cântico a Deus, o *Magnificat*, onde afirma que todas as gerações a chamariam de bendita. Contudo, isso não é fruto de uma possível soberba da parte de Maria, mas as gerações a proclamam bendita, exatamente porque Deus “olhou para a humilhação de sua serva” (Lc 1,48a). Aqui se vê que Maria é bendita desde as gerações anteriores a ela, e principalmente a geração da Nova Aliança selada por seu Filho na cruz. Sobre isso Agostinho mostra Maria na história da salvação, pelas Escrituras.

Jesus é chamado “filho de Davi”. Todavia, como Verbo Eterno, Ele possui um Pai, fora do tempo. Como homem, porém, possui uma mãe temporal, e portanto, não há pai carnal, e mesmo assim é colocado como da estirpe de Davi. Aqui Agostinho resolve dois problemas: primeiro, não se deve duvidar da união matrimonial de Maria e José pelo fato de os dois não terem tido consumo carnal. Além disso, Agostinho defende que Maria foi da descendência davídica:

Portanto, cremos que Maria tenha pertencido também à estirpe de Davi, porque cremos nas Escrituras. Estas afirmam as duas coisas: que Cristo nasceu segundo a carne da estirpe de Davi e que Maria é sua mãe, não por ter tido relação com seu esposo, mas como virgem.¹¹

Deste modo, Jesus e Maria são da descendência de Davi, e quem afirma o contrário vai contra a própria Sagrada Escritura. Isto Agostinho escreve contra o bispo maniqueu Fausto, que, utilizando-se de evangelhos apócrifos, afirma que Maria não é da Tribo de Judá, mas de Levi, e para isso escreve: “Ora, o que Fausto escreveu sobre a ascendência de Maria, isto é, que teve por pai a certo sacerdote da tribo de Levi, chamado Joaquim, não consta em nenhum livro canônico. Não estou, pois, obrigado a crê-lo.”¹² Aqui encerra-se o argumento de Fausto.

Sobre isso Paulo escreve: “nascido da estirpe de Davi segundo a carne” (Rm 1,3). Ora, a carne de Jesus é somente a de sua mãe; deste modo, Ele é descendente de Davi, por Maria. Porém, Lucas mostra que Maria é parenta próxima de Isabel, que por sua vez, é “descendente de Aarão” (Lc 1,5). No entanto, isto não deve ser motivo de controvérsias: “Portanto, é preciso aceitar com finíssima fé que a carne de Cristo procede de ambas as estirpes: a real e a sacerdotal.”¹³ Se Jesus é filho de Davi ou de

¹¹ AGOSTINHO, 1996, p. 35

¹² AGOSTINHO, 1996, p. 36

¹³ AGOSTINHO, 1996, p. 42

Aarão, não é necessário desvendar: o importante é que Ele o é, por Maria, sua mãe carnal, e que as promessas feitas aos patriarcas, de que a descendência será frutuosa e abençoada, se cumpre em Jesus e naquela jovem que “está grávida e dará à luz um filho” (Is 7,14).

Com Maria, é possível ver que a obra da redenção se dá nos dois sexos, pois, ainda Cristo seja do sexo masculino, veio a este mundo por uma mulher: “Caso Cristo se tivesse feito homem sem ter consideração pelo sexo feminino, a mulher teria perdido a esperança, tanto mais, tendo-se que por ela o homem havia caído”¹⁴. Portanto, não deve haver desespero nem por parte do homem, nem por parte da mulher, pois ambos foram salvos por Jesus, nascido da Virgem Maria.

Enfim, todas as gerações a chamarão bendita, justamente porque nela se cumprem as promessas feitas por Deus, onde a descendência seria duradoura e salvífica, e por Maria veio a salvação, que é o Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado. Aqui torna-se compreensível o título de Maria como “corredentora”.

2.3 A Igreja, semelhante a Maria

O Antigo Testamento, como visto, já dá testemunho da salvação vinda por Maria. Os cristãos, Povo da Nova Aliança, devem, ainda mais, bendizer a Mãe de Jesus, pois o Messias veio ao mundo e o salvou por meio dela. Os cristãos são o Povo da Nova Aliança, exatamente porque Cristo formou sua Igreja, que é convidada a ser canal do mistério salvífico, tal como foi Maria.

Assim escreve São Paulo à comunidade de Corinto: “Desposei-vos a esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura” (2Cor 11,2). Por ser a esposa de Cristo, a Igreja e seus membros devem guardar sempre as palavras de seu Senhor, que são a fonte da salvação, pois, nem Maria, nem a Igreja, perdem a fecundidade por conta da virgindade, pois, “Se a Igreja não fosse virgem, por que haveríamos de zelar por sua integridade? E se ela não fosse mãe, de quem seriam filhos aqueles a quem dirigimos a palavra?”¹⁵ Portanto, a Igreja deve necessariamente ser virgem e mãe, tal como foi Maria, e assim ser canal da salvação de Cristo, tal como foi Maria, o grande modelo de virgem.

De fato, a fecundidade é uma benção de Deus, como bem é exaltada no Antigo Testamento. Porém, a virgindade entregue a Deus também é sinal de benção e entrega.

¹⁴ AGOSTINHO, 1996, p. 77

¹⁵ AGOSTINHO, 1996, p. 49

Deus concedeu esse dom a Maria e à Igreja, para serem mediadoras da salvação, e serem modelos de santidade e a todos, e a virgindade da Igreja, que possui muitos membros, se dá justamente por ser ela a esposa de Cristo, pois “A Igreja não poderia ser virgem, se não tivesse por Esposo o Filho da Virgem, a quem se entrega.”¹⁶

Deste modo Cristo está unido aos homens por Maria e pela Igreja, ambas virgens e mães, portadoras da salvação. Maria com seu Único Filho, e a Igreja, com seus diversos membros, onde “A Igreja goza de virgindade e incorrupta fecundidade. Aquilo que Maria mereceu manter na carne, a Igreja o conserva no Espírito.”¹⁷ Ou seja, assim como a Virgem de Nazaré, a Igreja também gera o Filho de Deus, de modo espiritual, e isto se dá na medida em que ela anuncia a Cristo, seu esposo.

Enfim, Maria contribui na obra soteriológica de Cristo, dando à luz ao Verbo, e sendo modelo de Virgem e Mãe à Igreja, continuadora da missão redentora de Jesus. Desse modo, ambas são o melhor caminho de encontro com a salvação de Cristo realizada na cruz.

3 MARIA: MODELO DE SANTIDADE CRISTÃ

Depois de mostrar a veracidade e importância da maternidade de Maria, e seu imprescindível papel na história da salvação, agora convém mostrar o que Agostinho refletia sobre a santidade de Maria, seu exemplo de vida que serve de inspiração até hoje para os cristãos. De fato, a santidade de Maria a fez merecer uma coroa de glória, colocada em sua cabeça pela própria Trindade, sinal de que Deus recompensa os justos.

3.1 “Toda santa”: A Imaculada Conceição

Uma das mais belas verdades sobre Maria é esta: a de que ela, já no ventre materno, foi preservada do pecado, e por isso foi *pan hagia*, ou seja, toda santa, sem nenhuma mancha de pecado. Contudo, a fé neste mistério não foi consolidada da noite para o dia: ainda na Escolástica, já depois de Agostinho, haviam controvérsias acerca desse assunto, principalmente nas divergências entre dominicanos e franciscanos.

Agostinho, todavia, procura mostrar que, de fato, Maria foi preservada da mancha do pecado original, principalmente a fim de refutar a heresia de Pelágio, que negava a existência do pecado original, e assim conclui: “Nós não atribuímos ao demônio poder algum sobre Maria, em virtude de seu nascimento, visto que a graça do

¹⁶ AGOSTINHO, 1996, p. 93

¹⁷ AGOSTINHO, 1996, p. 106

renascimento veio a desfazer nela essa mesma condição.”¹⁸ Aqui também se percebe a contribuição de Agostinho para o dogma da Imaculada Conceição, proclamado solenemente por Pio IX.

Os aspectos mais importantes do dogma de Maria *pan hagia* consistem justamente em ressaltar a sua santidade, como modelo para os fiéis, e isso é sempre bem apresentado por Agostinho, que procura combater as heresias. Pelágio não só negava a existência do pecado original, como também afirmava que outros personagens bíblicos não cometeram pecado algum, tais como Abel, Abraão, Isaac, Jacó, a Virgem Maria, São João Evangelista, e outros. No entanto, de todos estes, apenas a Virgem Maria viveu sem pecado algum, e afirma o bispo de Hipona:

Mas, excetuando a Virgem Maria, se pudéssemos reunir aqueles santos e santas, como se aqui vivessem, e perguntar-lhes se estavam isentos de pecado, qual seria sua resposta no nosso modo de pensar? O que afirma Pelágio ou o que assevera o apóstolo João?¹⁹

Assim, pois, fica claro que, para Agostinho, somente a Virgem Maria, como criatura, viveu sem nenhum pecado, e segundo ele, se perguntassem ao apóstolo João e aos outros santos se esses viveram sem nenhum pecado, responderiam, como o próprio discípulo amado escreveu: “Se dissermos: ‘Não temos pecado’, enganamo-nos e a verdade não está em nós” (1Jo 1,8).

Essa preservação de Maria do pecado, a fez também conceber a Cristo sem a concupiscência, e aqui se entende a expressão do anjo Gabriel quando lhe diz: “o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra” (Lc 1,35). Assim diz Agostinho “Com efeito, esta sombra significa uma defesa contra o ardor das concupiscências carnis. Por isso, a virgem concebeu a Cristo, não por concupiscência carnal, mas espiritualmente pela fé”²⁰. Portanto, Maria é toda santa, mas sua santidade é fruto da graça de Deus. Daqui surge que toda honra e glória em Maria passa primeiramente por Deus, ela que era a serva humílima do Senhor. Aliás, sua humildade também é destacada por Agostinho: “Pois ainda que ela tivesse merecido parir o Filho do Altíssimo era humílima”²¹

Contudo, o fundamento da santidade de Maria está exatamente na sua obediência a Deus. Ela compreendeu que a vontade do Pai era que o Verbo nascesse de

¹⁸ AGOSTINHO, 1996, p. 165

¹⁹ AGOSTINHO, 1998, pp. 151-152

²⁰ AGOSTINHO, 1997, p. 404

²¹ AGOSTINHO, 1996, p. 72

seu ventre, e ela assim o cumpriu. Aqui também se entende quando Jesus diz à pessoa que elogiou o ventre que o gerou e os seios que o alimentou: “Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam” (Lc 11,27-28). Ou quando afirma no templo ao chegar sua mãe e seus irmãos: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos, porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12,49-50). Obviamente Jesus nesses trechos não estava rejeitando sua mãe, mas mostrando que, assim como ela, são bem-aventurados os que fazem a vontade de Deus, e aqui está a essência da santidade de Maria: a obediência. Assim fala Agostinho:

Por certo, a santa Virgem Maria fez totalmente a vontade do Pai, e por isso mais valeu para ela ser discípula de Cristo, do que mãe de Cristo. Maior felicidade para ela ter sido discípula do que mãe. E assim, esta é uma bem-aventurança, porque já antes de dar à luz o Mestre, ela já o trazia em seu espírito.²²

Deste modo, mas vale obedecer ao Pai do que possuir os méritos de ser mãe do Filho de Deus, e mais uma vez, a santidade de Maria vem de Deus, e isto fundamenta uma vez mais a sua humildade.

Outro fundamento da santidade da Mãe de Deus é sua fé, pois, ainda jovem, recebe a visita do anjo que lhe traz uma missão admirável, mas difícil. Entretanto, ela não duvida do poder de Deus, e diz o seu *Fiat*, que, não só é uma expressão de obediência à vontade de Deus, como também de fé. Para Agostinho, a resposta de Maria parecia ser: “cumpra-se que a concepção de uma virgem seja sem sêmen de varão. Que nasça do Espírito Santo e de uma donzela aquela em quem a Igreja, também virgem, nascerá”²³. De fato esse mistério parece inexplicável, e a própria Virgem Maria poderia ter tido motivos para duvidar, mas não o fez, e isto a fez merecer ser Mãe de Deus, pois, como afirma Agostinho, “Maria acreditou e realizou-se nela aquilo em que acreditou”²⁴.

Ainda sobre a fé de Maria, pode-se cair no risco de compará-la a Zacarias, que duvidou e mereceu perder a voz pela incredulidade. Agostinho, em seus sermões procura diferenciar as atitudes de Maria e Zacarias, ressaltando que este, de fato, duvidou dos planos de Deus, enquanto aquela, por sua pergunta, ressalta ainda mais o desejo de permanecer virgem e consagrar-se a Deus. As perguntas foram semelhantes, mas os corações eram bem distintos. Para Agostinho, Maria quis dizer: “Tu me anuncias

²² AGOSTINHO, 1996, p. 79

²³ AGOSTINHO, 1996, pp. 113-114

²⁴ AGOSTINHO, 1996, p. 114

um filho, e meu ânimo está pronto. Dize-me, pois, a maneira como ele nascerá.”²⁵ Maria concebe mediante a fé, que não duvida ao anjo, mas procura preservar sua pureza.

Assim sendo, eis porque Maria foi toda santa: porque foi a única criatura a viver sem pecado algum, mas principalmente, porque foi humilde, obediente, e acreditou nas promessas de Deus, fazendo jus às inspiradas palavras de Isabel: “Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1,45).

3.2 Gloriosa Assunção

A santidade de Maria, como já foi exposta, a fez merecer subir gloriosamente aos céus, de corpo e alma, já ressuscitada para a Vida Eterna. Este também é um mistério insondável, mas que deve é digno de fé, e que mais uma vez, glorifica ao Senhor, por meio de Maria. Agostinho diz poucas palavras sobre este tema, mas já dá bases para a proclamação solene feita por Pio XII.

O episódio que mais transparece essa gloriosa Assunção é o do Apocalipse, que mostra uma mulher vestida como sol, com a lua embaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça (cf. Ap 12,1-6). Para Agostinho, essa mulher é a Virgem Maria, que “virgem, deu à luz nossa Cabeça.”²⁶ Esta figura de Maria no Apocalipse mostra que Maria deu à luz em meio aos sofrimentos e dores, mas que venceu gloriosamente.

Com relação ao episódio da Assunção, Agostinho mostra que é fruto da bondade e da justiça de Deus, que ornou a Virgem Maria com bênçãos e graças, mais do que em qualquer outra criatura em sua vida; e ao chegar o fim do seu percurso, a dignou subir aos céus em corpo e alma. Para ele, “Era justo ficar isenta de corrupção aquela que fora inundada com tantas graças. Deveria viver, toda inteira, aquela que gerou a Vida perfeita e completa de todos os humanos.”²⁷ Deste modo, a Assunção de Maria é dom e graça de Deus, que recompensa com bens inumeráveis àqueles que fazem sua vontade.

3.3 Modelo para os cristãos

Assim escreve São Paulo à comunidade de Éfeso: Nele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor” (Ef 1,4). É do desejo de Deus que todos os seus filhos cheguem à santidade, e um dia, vejam sua face e

²⁵ AGOSTINHO, 1996, p. 123

²⁶ AGOSTINHO, 1996, p. 170

²⁷ AGOSTINHO, 1996, p. 171

com ele vivam. Maria, neste sentido, é um grande modelo de santidade a ser seguido, e Agostinho mostra como isto se dá.

Maria foi virgem, mas também foi fecunda. Os que seguem a Cristo, e almejam a santidade, também devem ser fecundos, ou seja, levar dar à luz ao Cristo em todos os lugares, levando-o aos que mais necessitam, e livres de toda esterilidade. Contudo, também devem ser virgens, ou seja, puros e irrepreensíveis diante das adversidades do mundo. Eis o convite de Agostinho:

Sua mãe trouxe-o em seu seio. Tragamo-lo a ele, em nosso coração. A virgem ficou grávida pela encarnação de Cristo. Engravidem-se nossos corações pela fé de Cristo. A Virgem deu à luz o Salvador. Que nossas almas gerem a salvação e entoem louvores. Não sejamos estéreis. Sejam nossas almas fecundas para Deus!²⁸

Desta maneira, ainda que se pense que a santidade de Maria seja algo distante e alheio à humanidade limitada, deve-se crer que ela é possível a todos, porém, exige renúncias e abertura do coração, como fez Maria.

²⁸ AGOSTINHO, 1996, p. 94

CONCLUSÃO

Neste caminho percorrido, percebe-se que, embora Agostinho não tenha escrito muito sobre a Virgem Mãe de Deus, o que escreveu foi de grande riqueza e contribuição para a Igreja, fazendo com que todos conheçam mais a Maria, e conhecendo-a, ame-a, pois este amor à Virgem sempre conduz ao seu Filho.

Sobre a Maternidade de Maria, percebe-se que Agostinho deixa tudo de maneira clara, mostrando que a Encarnação do Verbo é fruto da misericórdia de Deus, que quis vir morar entre os homens, para salvá-los do pecado e da morte, e o fez por meio de uma virgem generosa e cheia de Deus. Este é um mistério insondável, mas digno de fé, onde Deus tem uma mãe, e a entrega à humanidade, para que todos busquem uma maternidade divina, vinda do alto, que conduz sempre para Deus.

Maria é caminho para a salvação, pois por ela veio ao mundo do Filho de Deus, que resgatou a todos. Por isso todas as gerações a bendizem, uma vez que agora todos estão redimidos pelo pecado, que, por uma mulher entrou no mundo, mas que por outra, trouxe a salvação. A Igreja, portanto, é chamada a ser como Maria, pois Cristo mesmo quis construir a assembleia santa e nova, e por meio dela, Cristo também nasce, e leva a salvação, pois Ele é a Cabeça deste Corpo Místico.

Por fim, a escolha de Deus fez Maria merecer o dom da preservação do pecado original, fazendo-a ser toda santa. Todavia, esta santidade é dom de Deus, que na sua bondade, tornou-a imaculada, humilde, obediente, virgem e mãe. Os que seguem a Cristo são chamados sempre a serem santos, como Ele, e como sua Mãe, pela fé, pela obediência e pela generosidade à vontade de Deus, que sempre conduz para o bem.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A graça**. Tradução: Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção Patrística)

_____. **A Trindade**. Tradução: Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994. (Coleção Patrística)

_____. **A Virgem Maria: cem textos marianos com comentários**. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1996. (Coleção Espiritualidade)

_____. **Comentário ao Gênesis**. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Patrística)

_____. **Comentário aos Salmos**. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Patrística)

_____. **Evangelho de São João**. Vol. V. Versão do latim por Pe. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1952.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.